

Identidade e cultura: reflexões sobre redes sociais

Self and culture: reflections about social networks

Rafaela PECHANSKY¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar os conceitos da identidade e da cultura sob o viés dos estudos culturais. Para um primeiro momento, nós evocamos autores como Stuart Hall (1997) e Alejandro Grimson (2011), que falam sobre múltiplas identidades e sobre o sujeito pós-moderno fragmentado. Trazendo a questão para o mundo contemporâneo, sob o contexto da internet e das redes sociais, passamos para o aporte teórico de autores como Sherry Turkle (1997), Raquel Recuero (2013) e Ethan Zuckerman (2014), autores que discutiram a questão da identidade e das mudanças de dinâmicas sociais com o advento da internet, debatendo tais conceitos sob o viés das redes sociais e, em específico, do Facebook, fundado por Mark Zuckerberg em 2004.

Palavras-chave: Comunicação. Identidade. Redes Sociais.

Abstract

This paper aims to analyze the concepts of identity (self) and culture under the light of the cultural studies. In the first part, we evoke authors such as Stuart Hall (1997) and Alejandro Grimson (2011), who talk about multiples selves and the fragmented post-modern subject. Bringing the discussion to the contemporary world, and the context of the internet and social media, we go on to the theoretical basis of authors like Sherry Turkle (1997), Raquel Recuero (2013) and Ethan Zuckerman (2014), authors that discuss the question of the self and the changes on social dynamics after the rise of the internet, debating such concepts under the light of social networks, specially Facebook, founded by Mark Zuckerberg in 2004.

Keywords: Communication. Identity. Social Media.

¹ Mestranda do PPGCOM/PUCRS. E-mail: rafaela.pechansky@gmail.com

Introdução

Desde que o mundo é mundo, teorias são lançadas acerca da questão da identidade. Basta uma rápida procura por trabalhos científicos que abordem o tema e lá encontramos: identidade para a psicologia, identidade para a sociologia, identidade para a literatura, identidade para os estudos de comunicação. Parmênides, filósofo grego cujas ideias influenciaram Sócrates, Spinoza, Heidegger e outros notáveis, é considerado o criador do princípio da identidade, sintetizando o conceito na frase: “ou uma coisa é ou não é”². Segundo o dicionário Aurélio (1993), a identidade é “1. Qualidade de idêntico. 2. Hoje, discute-se, cada vez mais, o conceito de “identidade digital”, estendo a questão a conceitos como interatividade, privacidade, engajamento, militância online, “cultura” da participação. Como fica a identidade neste contexto?

Para Denys Cuche (1999), atualmente, as grandes interrogações sobre a identidade remetem frequentemente à questão da cultura. Se, em primeiro lugar, existe o desejo de se ver cultura em tudo, a necessidade de “encontrar identidade para todos” é uma consequência imediata: as crises culturais são vistas como crises de identidade. Cuche chega a falar em uma “recente moda da identidade”, como um prolongamento dos fenômenos da exaltação da diferença que surgiu nos anos setenta e que levou tendências ideológicas muito diversas e até opostas a fazer apologia da sociedade multicultural e, em contraponto, exaltar da ideia de “cada um por si para manter a sua identidade”.

Suart Hall (1997) lembra que existe uma fronteira que precisa ser mencionada: isto se relaciona à centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade, e da pessoa como um ator social. Até recentemente, isto era visto como uma separação convencional entre as disciplinas da sociologia e da psicologia, embora se tivesse sempre admitido que todo modelo sociológico carregava dentro de si certas pressuposições psicológicas acerca da natureza do sujeito individual e da própria formação do “eu” – e vice-versa. O autor se preocupa com o que se chama de “regresso à questão da identidade” – não que a questão da identidade tenha sido alguma vez abandonada, mas sim que regressou com uma força particular. Este regresso se refere

² Fonte: The Cambridge Dictionary Of Philosophy (1995)

em parte ao fato de que a questão da identidade se centre neste ponto onde se cruzam uma série de diversas transformações na sociedade e uma série de discursos relacionados. A identidade surge como uma espécie de espaço sem resolver, ou como uma pergunta não respondida neste espaço, supondo vários discursos que se cruzam.

Alejandro Grimson (2011) também discute a questão, defendendo que, nas últimas décadas, termos como “identidades”, “fronteiras” e “territórios” se converteram em metáforas conceituais, aparentemente úteis para referir às mais variadas dimensões e situações. Grimson diz que “configuração cultural e identificação são termos necessários para compreender os mundos contemporâneos”. Contudo, atualmente é difícil saber o que se pretende dizer com cultura e identidade, principalmente no contexto da pós-modernidade e da internet. Nesta pseudo-panaceia que é o ambiente online, cada vez mais a dúvida persiste: quais são e por onde se destacam das fronteiras culturais e das fronteiras identitárias sob o espectro da cultura participativa contemporânea?

Para iluminar tal questão, recorreremos às ideias de Sherry Turkle (1997), psicóloga estadunidense que pesquisa a relação da identidade e do computador, e Nicholas Carr (2011) acerca dos impactos que as novas tecnologias têm nas vidas das pessoas. Para a parte específica das redes sociais, o aporte teórico será de Raquel Recuero, Ethan Zuckerman e José van Dijck, sobre como as redes sociais, e em especial o Facebook, estão remodelando aquilo que conhecemos como interatividade e conexão, impactando a cultura e a identidade do ser humano.

Identidade como construção social

Grimson (2011) defende que, ao nascer, os seres humanos não elegem sua língua materna: nos limitamos a aprender as estruturas e os vocabulários que nos rodeiam. Não elegemos a comida que compartilhará nossa família, nem tampouco o fato de crescer em uma cidade ou aldeia, em um continente ou em outro. Quando começamos a escolher, fazemos isto a partir de classificações ou significados sedimentados. Assim, podemos crescer em sociedades dominadas pelo racismo ou desigualdade ou de classe ou de gênero, ou também em sociedades mais igualitárias, ou também em mundos com uns ou outros regimes políticos. Cada ser humano incorpora a trama de práticas, rituais, crenças

e significados, os modos de sentir, sofrer e imaginar ao longo da sua vida. Todos sentimos que pertencemos a diferentes coletivos, que podem se corresponder com uma aldeia, uma cidade, um país, uma região... ou o mundo. Em certa medida, essas classificações e os nossos modos de relacionarmos com essas categorias identitárias estão inscritas em nossas histórias culturais. Mas, ao menos até certo ponto, cada um de nós escolhe com qual grupo se identifica, a quais percebe como “outros”, quais significados e sentimentos lhe desperta cada uma destas categorias. Quando escolhemos, o fazemos impulsionados por sentimentos e também por interesses. Voltando à questão da distinção entre cultura e identidade, então, é possível inferir que o cultural alude às práticas, crenças, significados rotineiros e fortemente sedimentados enquanto que o identitário refere aos sentimentos de pertencimento a um coletivo e aos agrupamentos fundados em interesses compartilhados.

Para Chuche (1999), a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais – reforçando a ideia de Grimson - que determinam a posição dos agentes e orientando suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social produzindo efeitos sociais reais: deve-se considerar que identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. Esta concepção dinâmica se opõe àquela que vê a identidade como um atributo original e que não poderia evoluir. Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética.

É interessante, neste ponto, recorrer a Hall (2010), que distingue, para os propósitos da exposição, três conceitos de identidade muito distintos: (a) sujeito do Iluminismo, (b) sujeito sociológico e (c) sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo estava baseado na concepção do sujeito humano como indivíduo totalmente centrado e unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e ação, cujo “centro” consistia de um núcleo interior que emergia pela primeira vez com o nascimento do sujeito e se estendia junto a este, permanecendo essencialmente igual – contínuo ou idêntico a si mesmo – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do ser era a identidade de uma pessoa. A noção do sujeito sociológico refletia a complexidade crescente do mundo moderno e autossuficiente, e também que se formava com relação a os outros que transmitiam ao sujeito valores, significados e símbolos dos mundos que habitava.

Segundo este ponto de vista, que tem se convertido na concepção sociológica clássica do assunto, a identidade se forma na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo interior ou essência que é o “verdadeiro eu”, mas este se forma ou modifica em diálogo contínuo com os mundo culturais “de fora” e as identidades que estes oferecem. Por fim, temos o sujeito pós-moderno, conceituado como carente de uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade se converte em uma “festa móvel” pois é formada e transformada continuamente com relação aos modos em que somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Está definido historicamente e não biologicamente. O sujeito assume diferentes identidades em momentos distintos, identidades que não estão unificadas a um “eu” coerente.

O conceito de identidade cultural se caracteriza por sua polissemia e sua fluidez: a questão da identidade cultural remete, em um primeiro momento, à questão mais abrangente da identidade social, da qual ela é um dos componentes. Por fim, não existe identidade cultural em si mesma, definível de uma vez por todas. A análise científica não deve pretender achar a verdadeira definição das identidades particulares que ela estuda. A questão não é saber, por exemplo, quem são “verdadeiramente” os Corsos, mas o que significa recorrer à identificação “corsa”. Se admitirmos que a identidade é uma construção social, a única questão pertinente é: “Como, por que e por quem, em que momento e em que contexto é produzida, mantida ou questionada certa identidade particular?” (CUCHE, 1999, p. 202)

A fragmentação da identidade

As grandes coletividades sociais que estabilizam nossas identidades – as grandes coletividades estáveis de classe, raça, gênero e nação – têm sido minadas profundamente em nossa época por transformações sociais e políticas. No mundo moderno, buscava-se explicação nas identidades coletivas: sabendo de qual raça era, ou a qual gênero pertencia, ou qual era a sua nacionalidade era possível encontrar o seu lugar no universo. Todos estes grandes princípios de estruturação que ataram a questão das nossas identidades sociais e culturais foram fraturadas, fragmentadas, minadas e dispersadas consideravelmente no curso dos últimos cinquenta anos (HALL, 2010).

Complexos debates têm se desenvolvido acerca de como compreender as alteridades e até que ponto as categorias antropológicas permitem aceder a estes “outros” ou mudar para poder construir diálogos interculturais. É possível que alguns conceitos – como integração, cultura, identidade ou multiculturalidade – tenham sido criados ou utilizados em função do seu potencial ético-político. Sua institucionalização, contudo, poderia chegar a cercear em determinadas situações os limites da imaginação social (GRIMSON, 2011).

É Marx quem começa o descentramento do sentido fixo da identidade ao recordarmos que sempre existem condições da identidade que o sujeito não pode construir. Os homens e as mulheres fazem a história mas não em condições eleitas por eles. A história deve ser entendida como uma contínua relação dialética ou dialógica entre o que já está constituído e o que está fazendo o futuro. Marx problematizou pela primeira vez essa noção de um sujeito soberano que abre a boca e enuncia a verdade. Marx nos lembra que estamos sempre inscritos e implicados nas práticas e nas estruturas da vida dos demais. Em segundo lugar, está o profundo descentramento que começou com o descobrimento do inconsciente por parte de Freud. Se Marx nos descentrou do passado, Freud nos descentrou do nosso próprio interior. Em terceiro lugar, devemos considerar Saussure, que sugere que a fala – o discurso, a enunciação em si – se situa dentro das relações da língua. Para falar, para dizer algo novo, devemos primeiro situarmos dentro das relações existentes da língua. Hall fala sobre o descentramento da identidade que surge como consequência do final da noção de verdade diretamente relacionada com os discursos ocidentais da racionalidade. Este é o grande descentramento da identidade como consequência da relativização do mundo ocidental: o descentramento das identidades coletivas (HALL, 2010).

Como exemplo, Grimson (2011) traz a substância da identidade estadunidense, historicamente formada por quatro componentes chave: a raça, a etnia, a cultura (a língua e a religião sobretudo) e a ideologia. A questão racial e étnica passou à história. Dado que a identidade se processa na interação, a questão do reconhecimento é chave. Se um grupo é estigmatizado pela maioria da sociedade e pelo Estado, pode interiorizar dita discriminação. A identidade, por fim, é situacional. Seria equivocado crer que para Huntington há uma essência imutável; constantemente afirma que a identidade muda (as suas considerações conceituais sobre a identidade levam a pensar que Huntington

assume a teoria contemporânea, e, de maneira anti-essencialista, planta a historicidade, a relacionalidade e a situacionalidade).

Esta fragmentação da identidade social é, se muito, parte da experiência moderna, e se pode dizer, da pós-moderna. Esse sentido da fragmentação tem uma forma peculiar e característica dessa experiência. A fragmentação implica o local e o global ao mesmo tempo, enquanto que as grandes identidades estáveis no centro não parecem se sustentar (HALL, 2010, p. 343).

Assim, a história muda nosso conceito de nós mesmos: a identidade é um processo, a identidade é fissura. A identidade não é um ponto fixo, mas sim ambivalente. A identidade é também a relação do Outro com um mesmo. Seria possível contar essa história também a partir de uma concepção psíquica da identidade. Parte do trabalho mais importante que tem feito os psicanalistas modernos – Lacan, por exemplo – e as feministas em termos da identidade sexual é demonstrar a importância da relação com o Outro. A construção da diferença como processo, como algo que sucede através do tempo, é algo que o feminismo nos mostrou como nunca acabado (HALL, 2010).

Para aqueles teóricos que creem que as identidades modernas estão se fragmentando, o argumento se desenvolve da seguinte maneira: um tipo diferente de mudança cultural transformou as sociedades modernas nos fins do século XX, o que vem fragmentando as paisagens culturais referentes à classe, gênero, sexualidade, etnicidade, raça e nacionalidade que nos proporcionavam posições estáveis como indivíduos sociais. Estas transformações também estão mudando nossas identidades pessoais, minando nosso sentido de nós mesmos como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de um mesmo” estável às vezes significa deslocação ou descentralização do sujeito. Este conjunto de deslocamento duplo – que descentra os indivíduos tanto do seu lugar no mundo cultural e social como de si mesmos – constitui uma crise de identidade para o indivíduo. Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, “a identidade somente constitui um problema quando está em crise, quando algo que se assume como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (HALL, 2010).

Identidade e cultura na internet

Nos últimos vinte anos, as mudanças feitas na identidade intelectual e o impacto cultural do computador tiveram lugar em uma cultura profundamente ligada à busca por um entendimento modernista dos mecanismos de vida. À medida que nós percebemos nossas imagens no espelho da máquina, nós nos vemos de forma diferente. Um sistema crescente de redes, coletivamente conhecido como a Internet, liga milhões de pessoas em novos espaços que estão mudando a maneira como nós pensamos, a natureza da nossa sexualidade e a forma das nossas próprias identidades (TURKLE, 1997).

Interativo e reativo, o computador oferece a ilusão de companhia sem as demandas da amizade. Em cada momento das nossas vidas, nós buscamos nos projetar no mundo. O computador, por esse viés, nos oferece novas oportunidades como uma mídia que reúne nossas ideias e expressa nossa diversidade. Essa reconstrução cultural é um trabalho contínuo (TURKLE, 1997).

McLuhan declarou que a “mídia elétrica” permitiu com que os indivíduos outrora isolados e fragmentados convergissem para o equivalente à uma vila global. Como uma janela para o mundo e para nós mesmos, uma mídia popular modela o que e como nós vemos as coisas – e, eventualmente, isso pode nos mudar como indivíduos e sociedade. (CARR, 2011). Muitas das instituições que costumavam unir pessoas – uma rua principal, por exemplo -, não funcionam como antes.

Essas transições levantam muitas dúvidas: como a comunicação mediada pelo computador vai fazer com o nosso comprometimento com outras pessoas? Vai satisfazer nossas necessidades por conexão e participação social, ou vai diminuir ainda mais relações frágeis? (TURKLE, 1997, p. 178, tradução nossa)

As pessoas usam a Internet de todas as formas. Alguns são ávidos, até compulsivos usuários das novas tecnologias; outros não usam de forma alguma. Fato é que, apenas vinte anos após Tim Berners-Lee ter escrito o código para World Wide Web, a internet se tornou a mídia de escolha da maioria. O escopo de influência é sem precedentes: por escolha, nós abraçamos o modo de rapidez intensa da internet – e a sua maneira de coletar e dispensar informação (CARR, 2011)

A internet difere da maioria da mídia massiva, por um motivo óbvio: é bidirecional. Nós podemos mandar e receber mensagens ao mesmo tempo. Mas a internet não nos conecta apenas com negócios e dados, nos conecta uns com os outros. A Wikipédia, vasta enciclopédia escrita em conjunto, o Youtube, o serviço de vídeos, o Flickr, repositório de fotos: todos estes serviços de mídia eram inimagináveis antes da Internet surgir. A interatividade também tornou a internet num ponto de encontros onde as pessoas se juntam para conversar, discutir, focar e flertar em sites como Facebook, Twitter e MySpace (CARR, 2011).

Neste sentido, a internet se tornou um significativo laboratório social para experimentação com as construções da identidade que caracterizam a vida pós-moderna. A teoria psico-analítica teve um papel complicado no papel do debate histórico sobre identidade unitária ou múltipla. Uma das contribuições de Freud foi propor uma visão radicalmente descentrada da identidade – sob este viés, a internet é outro elemento da cultura do computador que contribuiu para o pensamento sobre identidade como multiplicidade. Nele, pessoas estão aptas a construir uma identidade a partir de muitas identidades (TURKLE, 1997).

Apesar de não fornecer respostas simples, a vida online fornece novas lentes com as quais podemos examinar complexidades atuais.

Frederic Jameson escreveu que em um mundo pós-moderno, o sujeito não é alienado, mas fragmentado. Ele explicou que a noção da alienação presume um indivíduo centralizado e unitário, que se tornou perdido a ele ou ela. Mas, como um pós-modernista, ele vê o indivíduo descentrado e múltiplo, e o conceito de alienação cai por terra. Tudo o que sobra é uma ansiedade da identidade. A cultura do computador pessoal começou com pequenas máquinas que capturavam uma visão utópica pós-1960 de um entendimento transparente. Hoje, os objetos mais apelativos da cultura do computador pessoal dá a pessoas uma maneira de pensar concretamente sobre uma crise de identidade. Nessa simulação, a identidade pode ser fluída e múltipla (TURKLE, p. 49, 1997 tradução nossa)

No momento em que nós tomarmos o virtual como uma séria maneira de vida, nós precisamos de uma nova linguagem para falar sobre as coisas mais simples. As pessoas devem se perguntar, por exemplo, qual a natureza dos seus relacionamentos, quais são os limites das suas responsabilidades, e até de forma mais básica: “quem sou

eu? Qual a conexão entre os meus corpos físicos e virtuais? Que tipo de sociedade estamos criando dentro e fora da tela?” (TURKLE, 1997, p. 231, tradução nossa). Quando a identidade era definida como unitária e sólida era relativamente fácil reconhecer e censura um desvio de uma norma: um senso mais fluído de identidade permite uma capacidade maior pra se aceitar diversidade. Nós não nos sentimos compelidos a excluir quem não se encaixa (TURKLE, 1997).

A cultura da conexão: o caso das redes sociais

Segundo Raquel Recuero, uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e conexões (interações ou laços sociais). Desta forma, uma rede é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. Estes atores são o primeiro elemento da rede social representados pelos nós: são as pessoas envolvidas na rede que se analisa. “Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais” (RECUERO, 2014, p. 25).

Döhring (2002) foi um autor que analisou o fenômeno da construção da identidade na Internet através das páginas pessoais. Mas, já em seus resultados, há a sugestão de que os *websites* pessoais eram apropriações individuais do ciberespaço, como forma permanente de construção de si, dentro do foco da pós-modernidade. O comum aos conceitos de “identidade cultural”, “identidade narrativa”, “identidade múltipla”, “identidade dinâmica” e “identidade dialógica” é o foco da construtividade, mudança e diversidade: precisamente os aspectos que são encontrados nas páginas pessoais. A página pessoal está sempre “em construção”, pode ser regularmente atualizada para refletir as últimas configurações do indivíduo (RECUERO, 2014).

Autores como Sibilia (2003 e 2004) e Lemos (2002b), por exemplo, demonstraram como alguns *weblogs* trabalham aspectos da “construção de si” e da “narração do eu”. A percepção de um *weblog* como uma narrativa, através de uma personalização do Outro, é essencial para que o processo comunicativo seja estabelecido. Aquele é um espaço do Outro no ciberespaço. Está percepção dá-se através da construção do *site*, sempre através de elementos identitários e de apresentação de si (RECUERO, 2014, p. 26).

Um processo que perpassa não apenas as páginas pessoais, como fotologs e weblogs, nicknames em chats é a apropriação de espaços como os perfis em locais como o Orkut e o MySpace. Essas apropriações funcionam como uma presença do “eu” no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público. É justamente a individualização dessa expressão, de alguém “que fala” através desse espaço, é que permite que as redes sociais sejam expressas na Internet (RECUERO, 2014).

Porque a tecnologia está presente, o público das redes sociais tem diferentes características do público tradicional de espaços públicos físicos. Através da mídia social, as pessoas podem dividir e acessar conteúdo com audiências mais amplas e mais distantes, o que aumenta o potencial de visibilidade de qualquer mensagem em particular. Neste sentido, a mídia social altera e amplifica situações sociais oferecendo características técnicas para as pessoas e suas práticas (boyd, 2014).

Com aclamados 835 milhões de usuários pelo mundo já em 2012, o Facebook é a maior rede social nos Estados Unidos e na Europa, com a maior penetração entre os usuários da internet³. Em maio de 2010, Mark Zuckerberg falou a Dan Fletcher, um repórter da revista *Time*, que a missão do Facebook era construir uma web em que o parâmetro é social para tornar o mundo mais aberto e conectado⁴. O diretor corporativo de comunicações da empresa que, tornando o mundo mais aberto e conectado, o Facebook está expandindo entendimento entre as pessoas e tornando o mundo um lugar mais empático⁵ (DIJCK, 2013).

Como defende Zuckerman (2013): podemos estar conectados tanto a um ativista de um sindicato de esquerda como a um evangélico de direita, porque ambos estiveram na nossa turma do ensino médio. O Facebook, neste sentido, pode ser uma poderosa ferramenta para nos expor a diversos pontos de vista (ZUCKERMAN, 2013). Conectar pessoas, coisas e ideias é também o princípio atrás do polêmico Botão de Curtir⁶. Trata-se de um recurso que permite que os usuários expressem a sua aprovação por uma ideia específica e compartilhá-la (DIJCK, 2013). Neste sentido, a mídia social – e essa possibilidade de conectar pessoas ao redor do globo – pode parecer uma ferramenta para

³ Fonte: Internet World Stats

⁴ Disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,1990798,00.html> – Acesso: 25/04/2017

⁵ Disponível em: http://readwrite.com/2009/12/10/why_facebook_changed_privacy_policies/ - Acesso: 25/04/2017

⁶ Like Button, no original

tolerância, porque a tecnologia permite com que pessoas vejam e participem em mundo além dos seus próprios (boyd, 2014).

O crescimento massivo de usuários do Facebook demonstra que o site tem se tornado uma força centrípeta na organização social das vidas das pessoas. Os principais benefícios dos usuários são, inicialmente, se conectar e permanecer conectados, e, segundo, se tornar bem conectados. Apesar de o contato humano na internet nunca ter sido substituído pelo *offline*, as redes sociais substituíram, em muitos casos, e-mail e telefone como a mídia de interação preferida entre os jovens. Se considerarmos o poder do Facebook de tornar o mundo um lugar mais conectado e transparente, que define as normas para uma sociabilidade *online*, nós estamos experimentando um mundo alimentado pelo Facebook (DIJCK, 2013).

Zuckerman (2013) observa que ambientes virtuais como o Facebook promovem diferentes modos de uso. Como exemplo, muitos norte-americanos se surpreenderam – uma vez que usam o Facebook para planejar atividades do fim-de-semana com amigos – que colombianos tenham usado o Facebook para organizar um protesto contra os rebeldes da FARC. Os norte-americanos e os colombianos estavam no mesmo “espaço”, mas eram invisíveis uns aos outros, a menos que estivessem no mesmo grupo de amigos. Como resultado, o Facebook pode transmitir, erroneamente, o sentimento de que se trata de um espaço designado a um único objetivo: você é parte de um espaço público gigantesco, mas você é isolado, cercado por quem você conhece e pelo o que você faz.

“Contatar” e “manter contato” são, agora, atividades completamente centradas nas redes sociais: uma vez um membro, o empurrão social para se manter conectado é gigante, porque não estar no Facebook, por exemplo, significa não ser convidado a festas, não ficar sabendo de eventos importantes. Em suma: estar desconectado de uma dinâmica apelativa da vida pública. (DIJCK, 2013). As pessoas desenvolvem um senso do que é normativo ajustando coletivamente o seu comportamento, baseando-se no que eles veem na esfera pública que habitam e compreendem. Isso não significa que o mundo seja inerentemente seguro ou que as pessoas respeitem os seus vizinhos, mas que os processos sociais subjacentes evitem que as pessoas caiam no ódio, criando um ambiente cultural em comum (boyd, 2014).

O problema com o significado de compartilhamento representa uma batalha cultural para estabelecer novas ordens normativas para a sociabilidade online e para a

comunicação. Estágios iniciais dessa batalha são articulados de maneira que o Facebook moldou a sociedade ao mesmo tempo em que ela tem sido moldada por avanços tecnológicos, códigos legais e forças de mercado.

Neste contexto, o Facebook se tornou primordial para promover a identidade como centro da extensiva rede de amigos: em ambientes *online*, as pessoas querem mostrar quem são; elas têm um interesse em construção de identidade que se dá a partir do compartilhamento de pedaços de informação, uma vez que divulgar informação sobre si está diretamente ligado à popularidade.

Pesquisadores psicólogos Christofies, Muise, e Desmaras (2009) argumentaram que a “identidade é um produto social criado não apenas pelo que você compartilha, mas também pelo que outros compartilham e dizem de você... as pessoas que são mais populares são aquelas cujas construções identitárias têm maior participação dos outros” (343) (...) Em contraste com outras mídias massivas, redes sociais em geral – e o Facebook em particular – oferece aos usuários individuais um estágio para se construir uma imagem de si e para se popularizar essa imagem além dos círculos íntimos. Popularidade e privacidade são dois lados da mesma moeda, e elas espelham a dupla mensagem do que falamos anteriormente sobre “compartilhar” (DIJCK, 2013, p. 51, tradução nossa).

Para danah boyd (2014), a mídia social – e a possibilidade de conectar pessoas ao redor do globo por meio de comunicação e plataformas de informação – “pode parecer uma ferramenta para tolerância porque tecnologia permite que pessoas vejam e participem de mundos além dos seus próprios” (boyd, 2014, p. 159, tradução nossa). Contudo, talvez mais significativo que as mudanças estruturais do Facebook, seja o impacto da plataforma nos cotidianos das pessoas. O que costumava ser atividades informais na esfera pública – amigos se encontrando e trocando ideias sobre o que os seus gostos – se tornou interações mediadas por algoritmos numa esfera corporativa. Mesmo se o Facebook perder o “cool” como plataforma, a sua ideologia se espalhou tão fundo nos poros da sociabilidade online que os seus mantras e ideais vão reverberar por um longo tempo. A ambição do Facebook não é ser uma rede social aberta que permite que o seu conteúdo e informação seja captada por outras empresas, especialmente o Google. Em contrapartida, o Facebook quer ser uma passagem para o conteúdo social, uma ferramenta que estrutura e facilita a sociabilidade online (DIJCK, 2013).

A mídia se tornou uma parte integral da sociedade americana. Inovações do tipo vão continuar emergindo, tornando possíveis novas formas de interação e complicando dinâmicas sociais de maneiras complexas. A ascensão de objetos móveis está introduzindo ainda mais desafios, levando a noção do “sempre conectado” a outros níveis. Inovações vão introduzir novos desafios, enquanto as pessoas tentam reimaginar privacidade, senso de identidade e renegociar dinâmicas do cotidiano. Como disse o cientista computacional Vint Cerf: “a internet é um reflexo de nossa sociedade e o espelho vai refletir o que nós vemos. Se nós não gostamos do que vemos no espelho a questão não é consertar o espelho, é consertar a sociedade” (boyd, 2014, p. 212, tradução nossa).

Divisões sociais existentes – incluindo divisões raciais nos Estados Unidos – não estão simplesmente desaparecendo simplesmente porque pessoas têm acesso à tecnologia. Ferramentas que permitem comunicação não afastam desconfiança, ódio e preconceito. Racismo, em particular, toma novas formas numa dinâmica de rede. Longe de ser uma panaceia, a internet apenas ilumina as dinâmicas de divisão social que contagiam a sociedade contemporânea. A internet pode não ter o poder para reverter problemas da sociedade, mas tem, sim, o potencial para torná-los visíveis (boyd, 2014, p. 159, tradução nossa).

Conclusões finais

Ao longo deste trabalho, a problematização dos conceitos de identidade e cultura no contexto das redes sociais permitiu o desenvolvimento de uma série de reflexões sobre a relação entre as transformações das relações humanas na contemporaneidade. Primeiramente, é imprescindível destacar a centralidade das novas tecnologias e da internet nas vidas das pessoas. Com o advento do ambiente *online*, compartilhar informações pessoais, por exemplo, toma uma nova dimensão – o que impacta a identidade e as regras normativas culturais.

No que diz respeito a estar ou não *online*, temos outra questão que impacta a cultura como um todo: aqueles que evitam as redes sociais são excluídos de dinâmicas sociais primordiais, como ser convidado para um evento comemorativo. O Facebook nos “obriga” a estar ali, uma vez que nossos amigos e familiares também estão. Consequentemente, vemos as pessoas ao nosso redor projetando as suas histórias, dramas pessoais e desejos naquela rede social. A identidade é impactada, nesse sentido,

por uma tela de computador ou de celular, que vai ser um meio não apenas para nos relacionarmos com outros, mas com nós mesmos.

Quando falamos sobre o Facebook, por exemplo, fala-se muito na questão do coletivo: os jovens, principalmente, buscam estar sempre conectados aos seus amigos. Ao mesmo tempo, com a possibilidade de se acessar infinitas informações sobre pessoas – a partir de imagens e textos nas redes sociais – temos o resultado ideal para aquilo que Stuart Hall fala sobre uma “identidade múltipla”: na internet, “protegida” por um tela de computador, uma pessoa pode ser várias ao mesmo tempo. Com a possibilidade de criar múltiplos perfis, por exemplo, o sujeito pós-moderno também tem acesso a uma gama de conteúdos que não era possível no passado.

Desta forma, é possível inferir que, apesar de não termos a dimensão total de como a internet e as redes sociais vão modificar as nossas identidades e formas como nos relacionamos uns com outros, o fato é que as telas – e todas as suas possibilidades – já estão modificando conceitos como privacidade, compartilhamento e conexão, fundamentais para aquilo que conhecemos como identidade e cultura.

Referências

AUDI, Robert (ed). **The cambridge dictionary of philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

BOYD, danah. **It's complicated: the social lives of networked kids**. New Haven: Yale University Press, 2014

CARR, Nicholas. **The shallows: what the internet is doing to our brains**. Nova York: Norton, 2011

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999

DIJCK, José van. **The culture of connectivity: a critical history of social media**. New York, Oxford University Press, 2013

GRIMSON, Alejandro. **Los limites de la cultura**. Crítica de las teorías de la identidad. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011

HALL, Stuart. 1997: **The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time**. In: Thompson, Kenneth (Org.), *Media and Cultural Regulation*, London: Sage, 207-238. ("A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo", *Revista Educação e Realidade*, jul/dez 1997, 22)

HALL, Stuart. **Etnicidad**: identidad y diferencia. (Sin garantías: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Colombia: Instituto de Estudios Peruanos/ Univ. Javeriana/Univ. Andina, 2010.)

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014

TURKLE, Sherry. **Life on the screen**: identity in the age of the internet. Nova York: Touchstone, 1997

ZUCKERMAN, Ethan. **Digital cosmopolitans**: why we think the internet connect us, why it doesn't and how to rewire it. Nova York: Norton, 2013